

CANTO ALEGRETENSE, O RUMO DO PRÓPRIO CORAÇÃO

O lugar que não se acha no mapa: campo, pertencimento, filosofia de vida e Agrosafia

Há canções que descrevem uma cidade e há canções que descrevem um estado de alma. O Canto Alegretense, na voz de Neto Fagundes, pertence ao segundo grupo. Ele não dá coordenadas, dá direção. Não ensina o caminho no mapa, manda seguir o rumo do próprio coração. É uma canção de campo, de gineteada e de gaita, mas o que ela guarda de mais profundo não é a paisagem, é a certeza de pertencer a algum lugar.

PERTENCER É A PRIMEIRA FORMA DE SABER QUEM SE É

A filosofia moderna gastou muita tinta discutindo identidade e esqueceu algo que o homem do campo sempre soube: ninguém se define no vazio. A pessoa se define pela terra que pisou, pela casa onde comeu, pela gente com quem aprendeu a trabalhar. Quem não sabe de onde veio anda pela vida como cavalo sem cabresto, com muita energia e nenhum destino. O pertencimento não prende, orienta. É por isso que quem tem raiz forte consegue viajar longe sem se perder, enquanto quem não tem se desmancha na primeira mudança de vento.

E o lugar de origem, com o tempo, deixa de ser apenas geografia. Vira critério. Cada um carrega dentro de si o seu Alegrete particular, aquele canto onde as coisas ainda faziam sentido inteiro, onde a palavra dada valia mais que o documento e onde o vizinho era ajuda, não concorrente. Voltar a esse lugar não é nostalgia, é conferência de rumo.

O CORAÇÃO COMO BÚSSOLA, NÃO COMO CAPRICHOS

Seguir o rumo do próprio coração pode parecer conselho romântico, e muita gente o usa assim, como licença para fazer o que der na cabeça. Não é disso que se trata. Na tradição bíblica e na filosofia clássica, o coração é o centro da pessoa, o lugar onde a razão, a vontade e o afeto se encontram e decidem. Coração educado é bússola. Coração não educado é apenas impulso, e impulso não constrói lavoura, casamento nem cooperativa. A liberdade verdadeira exige interioridade formada, do contrário vira agitação.

O CAMPO ENSINA UMA FILOSOFIA QUE A CIDADE ESQUECEU

Quem trabalha com a terra aprende cedo três lições que valem para tudo. A primeira é que existe hora certa, e que forçar a natureza custa caro. A segunda é que resultado exige constância, porque roça abandonada por um mês não perdoa. A terceira é que ninguém dá conta sozinho, e é daí que nasceu o cooperativismo, do mutirão, da colheita feita em conjunto, do vizinho que aparece sem ser chamado. Essas três lições formam uma filosofia de vida completa, e é justamente ela que chamo de Agrosafia, a mística da vida com base nas forças agromatutais.

A Agrosafia não é saudosismo rural. É a leitura séria de que o comportamento das plantas e dos ciclos naturais revela princípios de conduta humana. A semente que morre para germinar ensina desprendimento. A raiz que avança no escuro ensina que o essencial trabalha antes de aparecer. A poda ensina que perder parte pode ser condição de crescer. O pousio ensina que o descanso não é preguiça, é preparação. Nenhum manual de gestão diz isso com tanta

clareza quanto uma lavoura bem observada.

A INDEPENDÊNCIA QUE VALE A PENA CONQUISTAR

Toda geração jovem sonha em conquistar independência, e isso é saudável. Mas existe uma independência que liberta e outra que apenas isola. A que liberta é a de quem se torna capaz de sustentar as próprias escolhas, honrar compromissos e decidir sem depender de aprovação alheia. A que isola é a de quem confunde autonomia com romper vínculos e sair sem levar nada consigo. O jovem rural que fica e moderniza a propriedade é tão independente quanto o que parte, desde que a decisão seja dele, pensada, e não fuga disfarçada.

A canção termina, no fundo, com um recado simples e exigente: guarda o teu rumo no coração, porque ninguém vai poder guardá-lo por ti. Vale para o jovem que decide o próprio projeto de vida, para o casal que sustenta uma família, para o associado que acredita na cooperativa quando é mais fácil reclamar dela e para quem, já com cabelos brancos, ainda planta árvore cuja sombra não vai usar. Quem sabe de onde veio raramente se perde sobre para onde vai.

OUÇA A CANÇÃO ORIGINAL

Antes de guardar este texto, ouça a canção no endereço abaixo, de preferência inteira e sem pressa. Repare menos na letra e mais no que ela desperta: aquele canto de terra que cada um de nós carrega por dentro e que, de vez em quando, precisa ser visitado de novo.

<https://youtu.be/S0IsJO61Tns>

Sobre o autor: Aínor Francisco Lotério é filho de agricultores familiares e cooperativistas, foi seminarista, trabalhou na roça desde menino, formou-se Técnico Agrícola e Engenheiro Agrônomo, é bacharel em Filosofia e Teologia, mestre em Gestão de Políticas Públicas e Diácono Permanente desde 2022. Criador da Agrosófia, publica com regularidade artigos e reflexões sobre campo, família, cooperativismo e fé. Vive com a família no Sítio Agrosófia, em Camboriú, SC, onde cultiva espécies nativas da Mata Atlântica.

Texto de autoria de Aínor Francisco Lotério, publicado originalmente em www.loterio.com.br.